

VISÃO DO CORREIO

Mais prevenção e menos improvisos nas cidades

Caiu a ficha no governo federal de que nada será como antes na vida das cidades brasileiras, a maioria construída no litoral ou nos vales dos rios. Com a urbanização acelerada que se seguiu à industrialização do país na segunda metade do século passado e a consolidação de ocupações urbanas em áreas de risco, mangues, várzeas e encostas, as cidades brasileiras não estão preparadas para as mudanças climáticas.

A prova mais eloquente é a tragédia de proporções bíblicas que ocorre no Rio Grande Sul, cuja capital continua debaixo d'água. O ministro das Cidades, Jader Filho, pôs o dedo na ferida ao afirmar que investir em prevenção e preparação dos municípios brasileiros exige a compreensão de uma nova realidade, a das mudanças climáticas: "Eu tenho dito que esse é o novo normal. A gente tem discutido isso nos fóruns globais. Seja na ONU- Habitat ou na COP28, essa discussão tem sido feita em todos os países. Todo mundo tem discutido essa nova realidade."

Entretanto, apesar das declarações do ministro, existe uma espécie de "negacionismo estrutural" em relação às mudanças climáticas. Todo mundo fala nisso, admite que é preciso conter o aquecimento global, mas joga a responsabilidade sobre os ombros dos outros. Na questão da redução das emissões de carbono, por exemplo, os mesmos países que mais defendem e financiam o combate ao desmatamento não fazem o dever de casa em relação à adoção de energia limpa e continuam explorando e/ou utilizando petróleo e gás em larga escala, inclusive, para aquecimento das casas.

Também aqui no Brasil, em meio aos desastres, esse negacionismo se apresenta quando um prefeito foge à responsabilidade, por exemplo, ao afirmar que uma tragédia ocorreu porque houve omissão nos governos anteriores. "A gente precisa deixar as cidades preparadas para terem estrutura para poder enfrentar essa nova

realidade. Nós precisamos entender que a política de prevenção não pode ser a política do vai e vem. Constrói, destrói e constrói", argumenta o ministro Jader Filho.

O governo anunciou mais de R\$ 56 bilhões de ajuda ao Rio Grande do Sul, mas esses recursos precisam chegar na ponta. E não basta restabelecer o que existia antes. As mudanças climáticas são um fato comprovado cientificamente e, com o aquecimento das águas do Atlântico, em 1,5º nos últimos 20 anos, todo o regime de chuvas e seca no país está sendo alterado, como de resto nos hemisférios Norte e Sul, em razão do derretimento da calota polar. Não basta preservar a Floresta da Amazônia e outros biomas, como os pampas. É preciso repensar todo o planejamento urbano, os sistemas de macrodrenagem e de saneamento.

Por exemplo, o governo já havia anunciado o recurso extraordinário de R\$ 195 milhões do Ministério das Cidades para o Vale do Taquari em razão das enchentes de 2023. Pretende construir 1.086 unidades habitacionais em 13 municípios nas áreas urbanas e 600 moradias em 39 municípios para áreas rurais. Todos esses recursos estão empenhados, mas é preciso que as prefeituras apresentem projetos de acordo com as novas condições climáticas. Não basta reconstruir o que foi destruído pelas águas nos mesmos locais e/ou da mesma forma.

A realidade impõe novas concepções urbanísticas, que reduzam a impermeabilização do solo e a ocupação das várzeas dos rios e das encostas, e construções mais preparadas para resistir aos "eventos extremos". Planos de macrodrenagem e contenção de encostas, que contam com recursos de R\$ 6,4 bilhões no Orçamento Geral da União em 2024, destinados a 200 municípios com antecedentes de tragédias ambientais, precisam ser elaborados com a consistência técnica adequada. Os Planos Municipais de Redução de Risco, em muitos casos, continuam no papel ou sequer foram elaborados.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Desertificação

No **Correio Braziliense** (22/5/24), o presidente da Caesb alerta os brasilienses: "Água é um recurso finito". Há 60 anos, as nascentes do Distrito Federal eram suficientes para abastecer a população, então existentes, de 12 mil pessoas. Nas últimas seis décadas, ampliaram-se reservatórios, buscaram-se águas a mais de 100 km de Brasília e não são suficientes para manter um clima saudável para os 3 milhões de pessoas que ocupam, hoje, o degradado ecossistema. O fato de os reservatórios ficarem sem vazios, todos os anos, deveria alertar os administradores da água sobre o estado crítico das nascentes e dos mananciais. Por que 1.015 poços artesianos irregulares, nos arredores da Bacia do Rio Descoberto, foram autuados pela Adasa? E por que não foram selados e a extração de água interrompida? Há pelo menos 10 anos, Brasília depende das águas da chuva para irrigar o Cerrado desertificado. A irregularidade das chuvas desestruturará os núcleos urbanos e o Cerrado não terá olhos d'água para dessedentar os seres humanos e não humanos. Brasília terá as características de um deserto em 30 anos. Estudos atuais estimam que o planeta está caminhando célere para um aquecimento catastrófico que intensificará o número de refugiados do clima e das inundações provocadas por tempestades imprevisíveis. A tradicional política administrativa do Distrito Federal se concentra na urbanização física da cidade, na ampliação de rodovias e viadutos, troca de áreas vegetais protetoras por assentamentos devastadores deste ecossistema sensível, que abriga a mais rica biodiversidade do planeta. Águas Emendadas que abasteceram, durante séculos, os rios a jusante, centenas de nascentes a montante e pequenos córregos do Planalto Central estão no caminho da desertificação.

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

» **Eugênio Giovanardi**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Moro diz que fará parte de um projeto para derrotar o PT. Pode rir, a piada é essa.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Rubinho Barrichello, melhor piloto brasileiro pós Senna, merece todas as homenagens! Eu sou um grande fã dele!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

O governador quer virar senador. O governador deve apostar que, entre os tantos problemas, saúde da população do DF não estará na memória.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

focalizadas por disciplinas científicas distintas, qualificam diferentes dimensões da temporalidade e permitem a percepção fundamental da interpenetração entre "natureza" e "sociedade". A palavra tempo pode ser entendida como símbolo da relação estabelecida por um grupo humano entre dois ou mais processos, entre os quais um é tomado como quadro de referência ou medida dos demais. Considerando-se que esses processos se alteram e, em consequência, a relação que mantém entre si, pode-se afirmar que a experiência dos acontecimentos vividos pelos homens não é fixa: houve no passado e continua havendo no presente alterações em seu significado. Salienta o filósofo Giorgio Agamben que a ideia de tempo é sempre relacional, envolvendo os seres viventes (ou as substâncias) e os dispositivos. E, entre os dois, os sujeitos: "Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos" (*O que é contemporâneo? e outros ensaios*, 2009).

» **Marcos Fabrício L. da Silva**

Asa Norte

com menor faixa de renda. Todas as instâncias de governo (federal, estadual municipal) alegam que não há condições financeiras para atender o pleito por aumento dos professores. Como não? Magistrados e parlamentares estabelecem os próprios aumentos de salários e criam benefícios que, sejam justos, são bofetadas na cara dos contribuintes, sem contar as mordomias que os cargos lhes garantem. Está na hora de uma revisão essa estrutura organizacional do Estado, que privilegia os que pouco nada fazem e ignora quem realmente fazem um trabalho indispensável ao país: transmitir conhecimento a crianças, jovens e adultos. Sem o esforço desses profissionais da educação, o país não daria meio passo à frente. Quem tem poderes não os teriam, não fosse a educação formal obtida por meio dos professores.

» **Eleonora Lima**
Núcleo Bandeirante

O tempo

Como bem disse Cristiane Sobral, em seu poema *O tempo*: "Há uma entidade/Que carrego comigo/O tempo e seus cordões/Estão enrolados em mim desde o umbigo/Ele tem como seu oposto complementar/O espaço entre o tempo e suas escolhas/O tempo, senhor dos horários/Reina soberano/Tênue, em um fio de prata/O tempo a gente não mata/É ele o matador" (*Terra negra*, 2017). As noções de tempo físico, tempo biológico, tempo social, tempo vivido,



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbnet.com.br

Ídolos de barro e a hipocrisia

O esporte ensina a apreciar ídolos com moderação. Embora as estátuas criadas pela paixão humana por um personagem do futebol tenham cabeça de ouro, peito e braços de prata, e ventre e quadris de bronze, as pernas e os pés das divindades do time do coração são de ferro e barro. Como no sonho do rei da Babilônia Nabucodonosor II, interpretado por Daniel no livro do profeta no *Antigo Testamento*, basta uma pedra tocar o ponto fraco para que os semideuses e impérios virem pó e sejam levados pelo vento sem deixar vestígios.

Gabriel Barbosa é o maior ídolo do Flamengo no século 21. Fez os três gols dos últimos dois títulos na Libertadores, em 2019 e em 2022. Balançou a rede até quando o time perdeu a final para o Palmeiras em 2021. As 15 taças conquistadas desde 2019 se confundem com a relação de seis anos do atacante com o clube. Isso não o torna imaculado.

Parte da torcida do Flamengo descobriu da pior maneira um ídolo de barro. O manto é sagrado para a "nação" de 40 milhões de devotos. O vazamento da imagem de Gabigol vestindo a camisa do Corinthians em casa num dia de folga é tratado como pecado imperdoável.

Mas e a hipocrisia, onde fica? Em 2019, Arturo Vidal disputava a Copa América no Brasil pela seleção do Chile. Alguém presenteou o meia com uma camisa do Flamengo. O então jogador do Barcelona vestiu o manto depois da derrota para o Uruguai, no Maracanã, e piscou para a torcida pela primeira vez.

Seguiu para a Internazionale e usou o uniforme durante treinos domésticos em uma academia na Itália. À época, houve quem achasse engraçadinho — e nada antiético. No fim das contas, Vidal trocou o clube de Milão pelo carioca e foi recebido com festa no Ninho.

O Palmeiras também descobriu um ídolo de barro. O técnico Abel Ferreira coleciona 10 títulos em três anos, seis meses e 21 dias no cargo. O sucesso fez dele praticamente o líder de uma seita alviverde. Se Abel falou tá falado. Ele sempre tem um plano. No fim do ano passado, havia a possibilidade de o português deixar o clube. O furo publicado no jornal *Sport* pelo correspondente do diário catalão no Brasil Joaquim Píera indicava oferta irrecusável do Al-Sadd do Catar. O lusitano se tornaria o técnico mais bem pago do planeta.

Abel Ferreira dá lições de moral a cada entrevista coletiva, mas teve o pé de barro acertado em cheio pelo Al-Sadd. O time do Catar o acionou na Fifa alegando descumprimento de pré-contrato firmado no fim do ano passado. O clube cobra multa de 5 milhões de euros (R\$ 27,76 milhões na cotação atual).

Depois de mentiras sinceras, o ídolo de barro Gabriel Barbosa admitiu ter vestido a camisa do Corinthians e vive tempos de purgatório no Flamengo. O ídolo de barro Abel Ferreira se esquivou. Jura amor ao Palmeiras e não explica se assinou ou não. Por essas e outras, se você tem um ídolo no futebol, aprecie com moderação e não seja hipócrita.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br